



“Festa na Bahia”: africanias na obra de Francisco Mignone

Andrea Albuquerque Adour da Camara*

Resumo

Este artigo trata das africanias presentes na canção “Festa na Bahia” para canto e piano do compositor Francisco Mignone, com poesia de Ribeiro Couto, composta em 1953. A metodologia utilizada para a construção dos saberes apresentados neste artigo consistiu na consulta em fontes históricas e etnolinguísticas. Os levantamentos realizados nos periódicos de época, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, visam compreender e contextualizar a composição e a repercussão da obra na época de sua estreia. Os aportes etnolinguísticos oferecidos por Castro (2005) fundamentam a elucidação de saberes a respeito do léxico africano pre-sente na canção, contrapondo aos dicionários de português e evidenciam a importância da construção de um vocabulário de africanias na música vocal brasileira.

Palavras-chave

Música brasileira – nacionalismo musical – canção brasileira – línguas africanas – etnolinguística – Francisco Mignone.

Abstract

This article deals with the African songs present in the song “Festa na Bahia” for voice and piano by composer Francisco Mignone, with poetry by Ribeiro Couto, composed in 1953. The methodology used for the construction of the knowledge presented in this article consisted in the consultation in historical and ethnolinguistic sources. The surveys carried out in the periodicals from that historical period, available at the Brazilian Periodicals Digital Library, aim to understand and contextualize the composition and repercussion of the work at the time of its first performance. The ethnolinguistic contributions offered by Castro (2005) support the elucidation of knowledge about the African lexicon present in the song, which is confronted with the Portuguese dictionaries, showing the importance of the construction of a vocabulary of *africanias* (African languages) in Brazilian vocal music.

Keywords

Brazilian music – musical nationalism – Brazilian art song – African languages – ethnolinguistics – Francisco Mignone.

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: e-mail: andreaadour@musica.ufrj.br



A presença do legado africano na música brasileira é o objeto de investigação do Grupo de Pesquisa Africanias, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Música (PPGM) da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na pós-graduação, o grupo está ligado ao projeto *Africanias na música vocal brasileira e a relação Brasil-África*, pertencendo à linha de pesquisa História e Documentação da Música Íbero-americana. O Grupo abarca também o Projeto de extensão *Africanias UFRJ*, que propõe, com base em processos educativos visando o ensino da canção brasileira a partir do reconhecimento da contribuição africana para este repertório junto a escolas, cursos, espaços culturais, entre outros.

Neste artigo, trataremos da obra "Festa na Bahia" para canto e piano do compositor Francisco Mignone com poesia de Ribeiro Couto. A metodologia utilizada para a construção dos saberes apresentados neste artigo foi a consulta em fontes primárias como os periódicos obtidos na Hemeroteca Digital visando compreender e contextualizar a composição e a repercussão da obra na época de sua estreia. Foram consultados os periódicos entre 1940 e 1949 e entre 1950 e 1960 utilizando a ferramenta de busca de palavras-chave, utilizando o título da obra: "Festa na Bahia". Foram encontradas 23 ocorrências na década de 1940 e 71 ocorrências na década de 1950, mostrando que a obra, tanto musical (década de 1950), quanto textual (década de 1940) foi muito comentada pela crítica, estando bastante presente na vida cultural da época. Além disso, foi utilizada a publicação *Falares Africanos na Bahia*, da etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, publicada em 2005 pela Topbooks, visando elucidar saberes a respeito do léxico africano presente na canção, contrapondo aos dicionários de português e evidenciando a importância da construção de um vocabulário de africanias na música vocal brasileira, um dos objetivos do grupo de pesquisa e que está em construção, visando auxiliar os intérpretes brasileiros e estrangeiros com a tradução e contextualização das obras vocais brasileiras. Ao lado desta publicação foram utilizados o *Dicionário Caldas Aulete* (1974) e o *Dicionário Michaelis On-line*. Além disso, utilizamos o *Dicionário Léxico*, de português europeu.

Francisco Mignone e "Festa na Bahia"

A peça foi composta por Francisco Mignone, compositor paulista (1897-1986), e publicada em 1953 pela Editora Mangione. Segundo o catálogo de obras de Francisco Mignone, publicado pela Academia Brasileira de Música e organizado por Flávio Silva em 2016, a primeira versão da peça foi composta em 1938 e a segunda versão concluída em 1948. Segundo Silva, esta distância gerou uma grande gestação da peça (Silva, 2016, p. 30). Originalmente escrita para a voz de baixo, tendo sido dedicada à Vasco Mariz, em sua segunda versão a obra é para soprano e piano. Na pu-



blicação *Francisco Mignone, o homem e a obra* (1997), Vasco Mariz afirma que "Festa na Bahia" representa o ponto alto no *lied* (canção) de Mignone:

Sua riqueza rítmica é extraordinária e a execução pianística difícilíssima. A perfeita junção do intérprete com o acompanhador se faz indispensável e o texto de Ribeiro Couto exige dicção irrepreensível. Ampla variedade de matizes, exatidão rítmica, hábil impostação da voz e até resistência física são indispensáveis para afrontar esta longa, perigosa, mas estupenda obra-prima de Mignone. Todas as marcações do autor devem ser seguidas à risca para se obter os múltiplos efeitos sugeridos pelo poeta e pelo músico, ambos em grandes momentos artísticos. Todo o sabor, toda a malícia, todo o pitoresco da Bahia precisam transparecer em interpretação expressiva. (Mariz, 1997, p. 118)

Em 17 de novembro de 1954, o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, anunciava a primeira audição da canção "Festa na Bahia", durante recital do baixo Vasco Mariz¹ no Conservatório Brasileiro de Música, tendo ao piano o próprio Francisco Mignone (p. 3). A canção também foi gravada em LP por Vasco Mariz. O periódico carioca *O Jornal*, de 29 de setembro de 1956, anunciava o LP gravado pela Sinter com "o baixo cantante Vasco Mariz interpretando algumas das mais belas canções da nossa terra" (p. 2). O LP, intitulado *Recital de Canções Brasileiras de Câmara*, apresentava na primeira faixa a canção "Festa na Bahia", com Francisco Mignone ao piano.

Essa canção, na mesma época, também recebeu uma versão para octeto de cordas, e foi interpretada na ocasião da posse de Francisco Mignone na Academia Brasileira de Música. A respeito disso, foi anunciado em importante jornal da época:

Realizar-se-á no dia 12 do corrente (sexta-feira), às 17h30m, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, a sessão pública e solene da Academia Brasileira de Música para a posse do compositor Francisco Mignone na cadeira 17, eleito para a vaga deixada por Artur Pereira. O recipiendiário fará o elogio de seu antecessor e será saudado pelo acadêmico Heitor Villa-Lôbos, presidente da Academia. Alguma das obras camerísticas do novo acadêmico serão interpretadas na ocasião, conforme o programa seguinte: IV Sonatina para piano (1951), por Arnaldo Estrela; Quatro Canções, por Alice Ribeiro e o au-



tor ao piano; 1º e 2º Noturnos para cordas e piano (1956), 2ª Seresta e Festa na Bahia, para cordas, com o autor ao piano e os seguintes instrumentistas: Edmundo Blóis, Salvador Piersanti, Vicente Trópia e Mánlio Pompeu (violinos), Ulrich Dannehmman, e Afonso H. Garcia (violas), Eugen Ranewsky e Edmundo Olini violoncelos). Além das altas autoridades especialmente convidadas para assistirem a essa solenidade, a diretoria da ABM conta com a presença de todos os respectivos membros residentes nesta capital, bem como a dos demais amigos e admiradores do Maestro Francisco Mignone. (*Diário de Notícias*, 6 out. 1956, p. 3)

A versão para octeto de cordas foi encomendada pelo professor Edmundo Blois (violinista) para o recém-fundado Octeto de Cordas do Rio de Janeiro e comentada em revista da época:

Ao fim de uma breve temporada no Teatro da Embaixada dos Estados Unidos, o Octeto de Cordas do Rio de Janeiro [...] O Professor Edmundo Blois, violino-spala da Orquestra do Municipal e responsável pela organização do grupo, pode estar certo do êxito de que se revestiu a sua iniciativa. Na noite de 23 de maio, teve lugar a audição conclusiva do programa, cujo sucesso foi indiscutível. O Maestro patricio Francisco Mignone figurou naquela "soirée" com duas composições dedicadas ao novo conjunto – a "Segunda Seresta" e a "Festa na Bahia". São duas peças dotadas de uma vivacidade rítmica e de um conteúdo musical tipicamente brasileiros. Sobretudo a segunda delas, no seu contraste de violoncelos, foi responsável pelos fortes e calorosos aplausos que coroaram a interpretação, tanto quanto possível es-correita dada a brevidade dos ensaios. (*O Cruzeiro*, 7 jul. 1956, p. 3)

Ribeiro Couto e "Festa na Bahia"

Rui Esteves Ribeiro de Almeida Couto, que assinava Ribeiro Couto (1898-1963) é o autor do texto musicado por Mignone. Poeta natural de Santos, publicou a referida poesia em Lisboa em 1939, como parte do *Cancioneiro de Dom Afonso*, dedicado à Afonso Arinos, contemplando as *Toadas de Wittenburgeweg* ("Dengues da mulata desinteressada", "Festa na Bahia" e "Violão do Capadócio"). Todos os três textos de Ribeiro Couto foram musicados por Francisco Mignone. Na ocasião da escrita dessas poesias, Ribeiro Couto encontrava-se em uma instância na Suíça, em que também se tratava Afonso Arinos. Desse encontro surgiu as ideias para os escritos



dessa obra. Um periódico de época narra o regresso de Ribeiro Couto ao Rio de Janeiro após longo tempo na Europa como diplomata:

Está no Rio o escritor Ribeiro Couto, poeta e prosador dos mais apreciados entre nós, membro da Academia Brasileira e figura de relevo na nossa Diplomacia. Deixando o seu posto na embaixada do Brasil em Haya, o autor de "Jardim das Confidências" veio para o seu país, onde nunca o abandonaram a lembrança e a admiração do público. Coincide com a chegada de Ribeiro Couto o aparecimento do seu novo livro, uma coletânea dos seus últimos poemas, "Cancioneiro de Dom Afonso". (*Dom Casmurro*, 4 mai. 1940, p. 8)

A respeito da publicação do *Cancioneiro de Dom Afonso*, onde a toada "Festa na Bahia" está inserida, foram encontradas duas críticas publicadas em periódicos. Uma de Tristão de Ataíde (1893-1983) e outra de Nelson Carneiro (1910-1996). Tristão de Ataíde constrói, em formato de resenha, uma visão bastante positiva a partir da publicação de Ribeiro Couto:

Eis a obra, já considerável, de vinte anos de boas letras, a que vem o poeta agora acrescentar esse "Cancioneiro", fruto ainda de sua vida andeja, dividida em três partes, a que caberiam bem três títulos – Suíça, Holanda, Brasil. Quatro poemas do seu tempo de convalescença nas montanhas Suíças, ao lado do seu amigo Affonso Arinos de Mello Franco, que inspirou o título deste "Cancioneiro", e sete outros de sua recente permanência na pequena Hollanda [...] As canções dedicadas totalmente ao Brasil veem impregnadas de sabor nativo. "Festa na Bahia" ou "Violão do Capadócio" são autenticos fructos tropicais. (*Diário de Pernambuco*, 9 jun. 1940, p. 9)

Por outro lado, Nelson Carneiro comenta o seguinte a respeito da toada "Festa na Bahia" de Ribeiro Couto, propondo uma crítica à visão idílica e paradisíaca da Bahia, que na época se desfazia perante à enorme desigualdade, apontando também um paralelo com o poema de Rui Barbosa:

É assim mesmo, senhor Ribeiro Couto. A sua, a minha, a nossa mãe Bahia, que você canta, enternecidamente em seu *Cancioneiro Dom Afonso* [...] Mãe Bahia...Tenho-a olhado de longe, bem de longe, quando o avião descobre, a não sei quantos quilômetros, os primeiros traços de sua topografia incerta, de casas marinhandando pelos morros, de sobrados



que se equilibram nas encostas das montanhas, de ladeiras que se arrojam corajosamente, cidade acima, num desafio aos que sofrem e aos que não sofrem do coração. (*Jornal do Brasil*, 3 mai. 1940, p. 5)

A visão saudosa da Bahia a partir da toada de Ribeiro Couto parece suscitar justamente a dicotomia entre a realidade do cotidiano em sua diversidade e uma visão idílica e paradisíaca, com o que os modernistas costumavam retratar o Brasil.

“Festa na Bahia” e o Português Brasileiro

Um dos maiores desafios do intérprete da música lírica no Brasil é cantar em português. Isso porque as principais escolas de canto, que para cá vieram, estruturavam sua metodologia de ensino com base na língua italiana e essa era a língua predominante nos teatros. Com Alberto Nepomuceno (1864-1920), a música dos compositores brasileiros passou a valer-se da língua vernácula, como atestam os diversos textos críticos que compõem a historiografia musical brasileira, e em estudo mais recente de Dante Pignatari, *Canto da Língua: Alberto Nepomuceno e a invenção da canção brasileira*: “a canção de arte brasileira surge, portanto, com um autor determinado, Alberto Nepomuceno. Ele foi o primeiro a compor canções eruditas a partir de textos em português” (Pignatari, 2009, p. 25). Nesse contexto, os compositores da primeira metade do século XX foram também os primeiros a compor peças para canto lírico em língua portuguesa no Brasil. Ainda hoje encontramos bastante resistência entre os alunos do bacharelado em canto lírico com relação ao repertório em português, sobretudo quando a canção oferece um conjunto de vocabulário e uma complexidade rítmica distante da realidade dos discentes. Esse é o caso da canção “Festa na Bahia”.

O cantar em português vinha sendo discutido, sobretudo, a partir do Congresso da Língua Nacional Cantada, que aconteceu entre os dias 7 e 14 de julho de 1937, iniciando uma ampla discussão a respeito da maneira de cantar o repertório em português brasileiro. Os intérpretes passaram a estar atentos, buscando possibilidades vocais e articulatórias que atendessem à compreensão do português mesmo quando utilizando técnicas de *bel canto*. A crítica manteve-se também atenta e ferina com relação a isso. Podemos citar como exemplo o caso da cantora Maria de Lourdes Cruz Lopes, que recebeu diversas críticas justamente em relação a isso, a partir das quais podemos perceber como concebiam na década de 1950 a maneira de cantar a canção brasileira. Um periódico de época traz uma crítica à cantora, enaltecendo-a como intérprete em todo o seu recital, entretanto, traz também uma crítica relativa justamente à dificuldade de interpretação do repertório brasileiro:



A parte final do programa preenchida com obras de José Vieira Brandão ("Só" e "Trovas") e de Francisco Mignone ("Dentro da Noite" e "Festa na Bahia") depois daquela magnífica demonstração feita pela cantora, do que é dar vida intensa a uma obra musical no clima que lhe convém, soou um tanto descaracterizada. Isso evidentemente por duas razões. Em primeiro lugar a cantora parece não ter grande inclinação para aquele tipo de canções, às quais exigem do intérprete que se transforme em uma réplica do cantor popular na sua maneira característica de cantar, sem premeditados rebuscamentos. Em segundo lugar, porque tal como acontece com a quase totalidade dos nossos cantores de concêrto, nela se revela uma certa tendência para dizer as palavras com pronúncia que não é usada na linguagem falada, o que constitui, é claro, um erro, visto que confere um tom falso à expressão do cantor. A palavra cantada deve ser a imitação fiel da palavra falada. Se assim é no caso de outros idiomas, porque proceder diferentemente quando se trata do nosso? (*O Jornal*, 11 set. 1959, p. 3)

O exemplo dessa cantora aponta para o conflito ainda existente a respeito do cantar em português, uma vez que, no mesmo jornal, a mesma crítica aponta o seguinte: "se estivesse em jogo a escolha de alguém para personificar o canto de câmara no Brasil em suas mais avançadas consequências, ninguém estaria em melhores condições para resolver a situação do que Maria de Lourdes Cruz Lopes" (*O Jornal*, 11 set. 1959, p. 3).

Além das dificuldades relacionadas à dicção, podemos afirmar que a presença de vocabulário advindo do léxico de línguas africanas corrobora para interferir na compreensão e interpretação da canção "Festa na Bahia", sobretudo por pessoas que estão distantes do contexto onde estas palavras são utilizadas e muitas delas não constam no dicionário de português comum.

O texto contém diversas palavras advindas do léxico banto: *yayá*, *cafuné*, *dendê*, *moqueca* e *vatapá*. A palavra *berenguemdém* aparece como variação de *balagandã*, também banto. Transcrevo abaixo o texto da canção (em negrito as palavras advindas de léxico africano):

Andorinha cantou é dia, Cristo nasceu na Bahia!
Aqueles sábios das Escrituras
Já não gostavam de nós, eu sei
Era o preconceito contra as misturas
Índios e pretos raças impuras
Que era aquilo com portugueses de lei?



Andorinha passou cantando
 Que o Filho de Deus estava chegando
 Teve sempre de tudo na Bahia
 A gente querendo acha,
 Acha porque ainda tem
 Mulheres, então, nem posso dizer as que havia!
 Umas de pés descalços
 Outras com colar de pedraria.
Yayá, cafuné berenguemdém
 No céu de coqueiros cantou a andorinha
 A cidade ficou sabendo
 Nosso Senhor do Bonfim já vinha.
 Houve de tudo na Bahia
 e de todas as cores
 Houve tudo que é bom
 e ainda há
 risos de todos os dentes, braços de todos os odores
 mulatas enfeitando padres e governadores,
Azeite de dendê, moqueca de peixe, vatapá!
 Andorinha cantou é dia
 Cristo nasceu na Bahia
 Domingo vou lá!

Os dicionários de português nem sempre contemplam palavras advindas de léxicos africanos, muito menos quando usam a grafia destas línguas. Por exemplo: a palavra *yayá* não consta grafada como *yayá* nem no *Dicionário Caldas Aulete*, também não no *Dicionário Michaelis On-line*, ou tampouco em *Falares Africanos na Bahia*, aparecendo com a seguinte grafia: *iaiá*. Entretanto, a publicação *Falares Africanos na Bahia* traz as ocorrências mais frequentes relativas às substituições dos fonemas africanos para o português brasileiro, indicando ao leitor as mudanças do fonema *Y* por *I* ou por *J* (Castro, 2005, p. 21). No quadro, a autora indica os fonemas mais frequentes para substituição. Deve-se notar também que essa publicação não é um dicionário propriamente dito, mas um estudo a respeito da presença africana no português brasileiro falado na Bahia.

A partir do Quadro 1, podemos perceber também que os dois primeiros dicionários não apontam sempre a procedência do vocábulo como advindo de línguas africanas e sim como brasileirismos, sendo que o *Dicionário Caldas Aulete* identifica apenas a palavra *vatapá* como vocábulo de origem africana. A partir disso, entendemos a importância de visibilizar a presença do extenso vocabulário africano já incorporado



ao português brasileiro. Traremos abaixo (Quadro 1) uma sistematização comparativa com as palavras de léxico africano presentes na canção "Festa na Bahia".

As abreviações no quadro indicadas por *Bras* indicam brasileirismos. Vale dizer também que ocorre uma divergência na grafia da palavra *quimbundo* ou *kimbundo*, mas representam a mesma língua, falada ainda hoje em Angola.

Palavra	Dicionário Caldas Aulete	Dicionário Michaelis On-line	Falares Africanos na Bahia
Yayá	(não consta) Iaiá (Brasileirismo) – Tratamento familiar das meninas e das moças, muito empregado no tempo da escravidão e atualmente quase instinto.	(não consta) Iaiá – Tratamento dado pelos negros escravos às moças e às meninas, nanã, nghanã, nhazinha. Etimologia desconhecida.	(indica busca por Iaiá) Iaiá – (banto/kwa) (Br) forma respeitosa de tratamento para mulheres jovens, hoje arcaizante, mas observada na fala de preto-velho. Do Kikongo e kimbundo Yaaya/Do Yorubá iyá.
Cafuné	(Bras) – ato de coçar de leve a cabeça de alguém, dando estalidos com as unhas para o adormentar.	Ato de coçar levemente a cabeça de alguém, produzindo estalidos com as unhas, como quem cata piolho. Etimologia desconhecida.	(Banto) (Bras) – ato de coçar, de leve, a cabeça de alguém, dando estalidos com as unhas para provocar sono. Do Kikongo, kafuniele.
Berenguendém	O mesmo que balagandã (Bras) – ornamentos em geral de prata usados pelas crioulas da Bahia em dias festivos.	Ver balagandã – Adorno geralmente de metal em forma de figas, frutas, chaves, medalhas etc., usado pelas baianas, especialmente em dias de festas.	Não consta. Entretanto consta Balagandã: (Banto) coleção de ornamentos ou amuletos em metal, em forma de figa, medalhas, chaves, meia-lua, usada pelas baianas em dias de festa. Do Kikongo e do Kimbundo, bulanganga, balouçar e mbalanganga, penduricalhos.
Dendê	(Bras) – palmeira africana aclimada no Brasil	Fruto do dendezeiro. Do Quimbundo ndende	(Banto) (Bras) 1ª Palmeira ou o fruto da palmeira. Do Kikongo/Kimbundo/Umbundo (o) ndende. 2ª Óleo vermelho obtido da palmeira dendê, de grande uso na culinária religiosa afro-brasileira e baiana. Do Kikongo/Kimbundo, ndende.
Moqueca	(Bras) – guisado de peixe ou de mariscos temperados com coco, azeite e pimenta.	Ensopado de peixe ou frutos do mar, preparado e servido em panela de barro, cujos ingredientes principais são o leite de coco e o azeite de dendê. Do Quimbundo Mukeka.	(Banto) (bras) guisado de peixe ou de mariscos, podendo também ser feito de galinha, carne, ovos etc, regado com leite de coco, azeite de dendê e pimenta. Do Kikongo/Kimbundo Mukeka – Kuteleka, guisar.
Vatapá	(Bras) – papas de fubá de arroz ou miolo de pão dormido, com azeite de dendê, pimenta, leite de coco, camarões secos, gengibre, castanhas de caju ou amendoins pisados e peixe ou carne de galinha. Origem Africana.	Iguaria de origem africana que consiste em um creme consistente feito com pão amanhado ou farinha de trigo, azeite de dendê e leite de coco, ao qual se acrescenta camarão defumado. Do fon – veteba.	(Banto) prato típico da cozinha baiana, espécie de purê de farinha de mandioca ou pão de véspera, leite de coco, azeite de dendê, amendoim, gengibre e castanha de caju. Do Kikongo, kingampa, papa ou vasilha de papas, geralmente de milho. Do fon Veteba, Papas (preparadas com dendê).

Quadro 1. Vocabulário de palavras advindas do léxico africano em "Festa na Bahia".

126 Pensando nos cantores estrangeiros, é importante acrescer a isso que, em busca em dicionários de português europeu, o problema se agrava. A consulta foi feita a



partir do dicionário on-line *Léxico* e não constam as palavras: *moqueca*, *berenguendém* e sua variante *balangandã* nem tampouco *yayá*. A palavra *iaia* aparece como nome feminino, mas sem nenhuma referência ao contexto.

A canção traz um olhar bastante crítico à questão social brasileira, inclusive quanto à situação da mulher. O intérprete tem o desafio de lidar com a dicção das palavras (muitas vezes como em um trava-língua), enquanto descreve criticamente a realidade contrastante da sociedade baiana.

O compositor, por sua vez, criou uma série de acentos em sílabas fracas que deverão conferir uma rítmica que se aproxima àquela tradicionalmente atribuída ao legado africano, inclusive com relação ao deslocamento prosódico. No trecho da canção (Figura 1) onde se diz “a gente querendo acha” o compositor colocou uma marca e acento na sílaba fraca deslocando o pulso forte para o fraco, gerando o que na música popular chamamos de gíngado.



Figura 1. Trecho de “Festa na Bahia”, de Francisco Mignone, 2ª versão (para soprano).

Na publicação *A Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira: perspectivas etnomusicológicas* ([1979]2006), Kasadi wa Mukuna aponta que a assimilação da rítmica africana na música brasileira ocorre como forma de “adaptação dos elementos musicais ao estilo da nova sociedade, obtendo uma nova existência que assegura sua continuidade num processo adverso de ressocialização” (Mukuna, 2006, p. 208). Esta alteração ocorre em diversas músicas populares, como, por exemplo, na canção *Sina* de Djavan, em que a acentuação é constantemente alterada, em detrimento da prosódia, mas em busca de uma outra concepção rítmica:

O luar, estrela do mar, o sol e o dom.
Quiçá um dia, a fúria desse front,



Virá lapidar o sonho até gerar o som
Como querer caetanear o que há de bom².

As africanias na canção de *Festa na Bahia* de Francisco Mignone manifestam-se, portanto, em diferentes formas. A presença da rítmica africana foi assimilada e resignificada dentro do repertório de concerto, tal como acontece em "Festa na Bahia", merecendo ainda um estudo mais detalhado. Além disso, a presença de palavras vindas de línguas africanas, somada ao contexto específico que é a cultura baiana, necessita ser dicionarizada, oferecendo ao intérprete uma maior aproximação com o texto, dando visibilidade à contribuição africana a partir do conhecimento das origens dos vocábulos, como atestamos a partir do estudo realizando através dos três dicionários e do vocabulário utilizados. "Festa na Bahia" de Francisco Mignone e Ribeiro Couto é ainda pouco escutada em nossos teatros e esperamos, com este estudo, despertar o interesse na interpretação desta obra.



REFERÊNCIAS

- Aulete, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1974.
- Castro, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- Léxico. *Dicionário de Português Online*. Disponível em <https://www.lexico.pt/>.
- Mariz, Vasco. *Francisco Mignone: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Eduerj, Funarte, 1997.
- Michaelis. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>.
- Mignone, Francisco. *Festa na Bahia*. Partitura. São Paulo, Rio de Janeiro: Mangione, 1963.
- Mukuna, Kasadi wa. *Contribuição bantu na Música Popular Brasileira: perspectivas etnomusicológicas*. [1ª ed., 1979]. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- Pignatari, Décio. *O canto da língua: Alberto Nepomuceno e a invenção da canção brasileira*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, 2009. São Paulo: Edusp, 2015.
- Silva, Flavio (org). *Francisco Mignone: catálogo de obras*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2016.

PERIÓDICOS DE ÉPOCA

(disponíveis em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>)

- Diário de Notícias*, 6 out. 1956.
- Diário de Notícias*, 17 nov. 1954.
- Diário de Pernambuco*, 9 jun. 1940.
- Dom Casmurro*, 4 maio 1940.
- Jornal do Brasil*, 3 maio 1940.
- O Cruzeiro*, 7 jul. 1956.
- O Jornal*, 29 set. 1954.
- O Jornal*, 11 set. 1959.



PLATAFORMAS DIGITAIS DE AUDIOVISUAL

Djavan. "Sina (Ao Vivo, 2000)". Sony Music Entertainment (Brasil) I.C.L. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Kh5xptrsbi4>.

Mignone, Francisco. "Vasco Mariz (baixo cantante) - Francisco Mignone: 4 canções", primeira faixa "Festa na Bahia". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hzmlCjNOtyE>.

ANDREA ALBUQUERQUE ADOUR DA CAMARA é professora adjunta do Departamento Vocal da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Líder do Grupo de Pesquisa Africanias UFRJ. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde defendeu a tese intitulada "Vissungo: o cantar banto nas Américas". Mestre em Música/Canto pela Escola de Música da UFRJ, tendo defendido a dissertação "A Dobra: o resgate da poética perdida no percurso histórico da música". Como intérprete, é soprano e integra desde 1994 o Duo Adour especializado em música do século XX e XXI para a formação voz e violão. Como camerista, privilegia o repertório de câmara brasileiro, a partir do qual busca sempre evidenciar o resultado de sua pesquisa.